

DESIGN EDITORIAL DESIGN DE COMUNICAÇÃO II

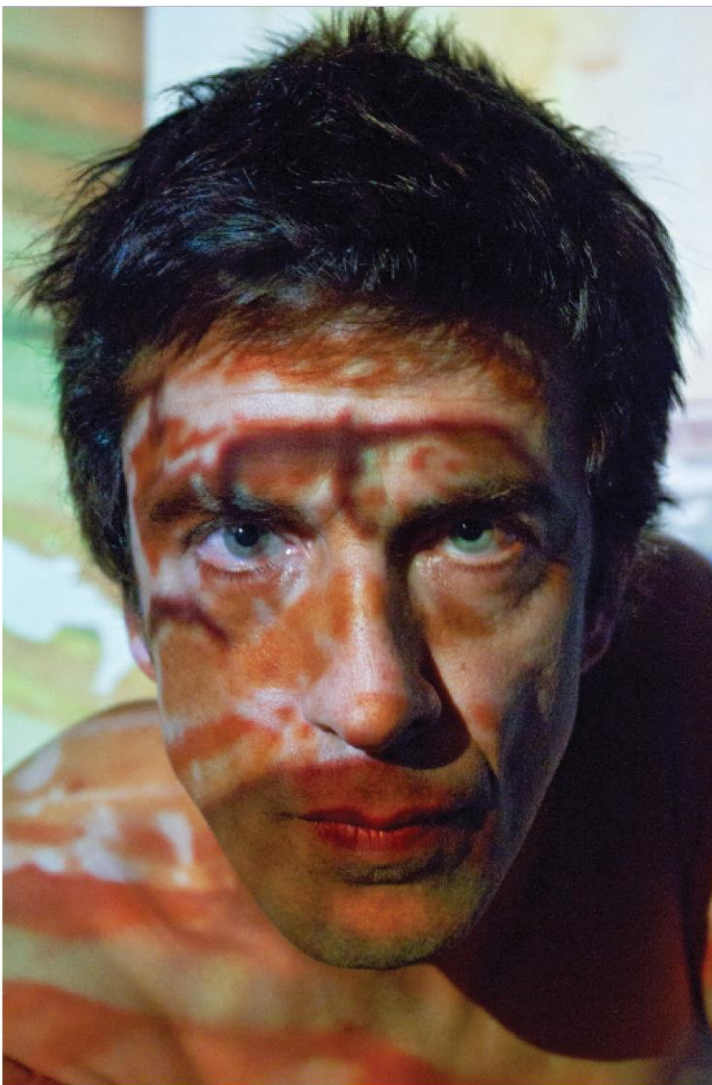
MAFALDA PEREIRA 41365



Vida Nova! Vida Nova! Vida Nova!

Manel Cruz

*Entrevista de Linda Formiga e Paulo André Soares
Fotografias: Pedro Nascimento*



“COMO UM BOM FILHO DO VENTO”

Com duas décadas de carreira e uma imensidão de projetos coletivos e individuais, o nome de Manel Cruz está indelevelmente inscrito na História da música contemporânea portuguesa. Se, por um lado, é impossível dissociar Manel Cruz dos Ornatos Violeta — e vice-versa — por outro, são poucos os artistas que, depois de uma banda tão proeminente, conseguem ter uma Vida Nova. Após o final dos Ornatos Violeta assumiu projetos como Pluto, Supernada e Foge Foge Bandido, tendo lançado um álbum com cada um. Em todos estes assume o papel principal, com a sua voz inconfundível. Mas desengane-se quem pensar, que as capacidades criativas de Manel Cruz se fecham na sua voz.

É que, para além dos vários instrumentos que toca e dos poemas que escreve para os musicar, assume-se desde sempre, até mesmo antes da música também como artista plástico e ilustrador. É devido a esta versatilidade criativa que, após um interstício musical, Manel chega com boas notícias aos seus fãs. Segundo ele próprio, “cheguei a hora de assumir o meu trabalho, no melhor dos sentidos”. Em primeiro lugar, vai lançar o seu novo álbum-livro, intitulado Vida Nova, no dia 5 de Abril — fruto do novo projeto em nome próprio. Depois, a partir de Julho, vai dar uma triade de concertos de comemoração dos 20 anos d’O Monstro Precisa de Amigos dos Ornatos Violeta. Será, portanto, um ano em pleno.

NO DIA 5 DE ABRIL SAI O TEU PRIMEIRO ÁLBUM EM NOME PRÓPRIO. O SEU TÍTULO, VIDA NOVA, TAMBÉM NOS DEIXA A SUGESTÃO DA MUDANÇA. CONTUDO, NÃO É O TEU PRIMEIRO PROJETO A SOLO. PORQUE NÃO CONTINUAR COMO FOGUE FOGUE BANDIDO? EM QUE SENTIDO É DIFERENTE E O QUE MUDOU REALMENTE?

Estas coisas não são coisas planeadas, naquele sentido de que são coisas que vão acontecendo. Na altura do Bandido, eu também tinha os Supernada, tinha os Pluto e há coisas que vêm de trás e que se prolongam para momentos em que também há outras coisas e o Bandido acabou por, de certa maneira, também parar num momento em que achávamos que já tínhamos dado muitos concertos com aquilo e que, lá está, não queríamos continuar a dar o mesmo concerto, poderíamos dar outro, mas efetivamente também estávamos com vontade de fazer outras coisas.

O Nuno Mendes, que misturou o Bandido, também estava a fazer um projeto na altura com ele, que ainda temos umas músicas feitas, mas muitos projetos também são engendrados e esperam porque o tempo não dá para tudo. Mesmo os Pluto, por exemplo, não acabaram, foram interrompidos e nunca mais continuaram e também nunca se sabe se vão continuar. Ou seja, estas coisas não são propriamente “agora faço este projeto, agora faço este”. As coisas são sempre uma interação entre a

vontade que a gente tem de fazer, e a possibilidade e a capacidade no tempo de fazer as coisas, e a vontade também de fazermos determinadas coisas em determinado momento. O Bandido foi assim uma... achámos muita graça de estar a fazer o Bandido e de finalmente o Bandido estar a soar mesmo bem e os concertos estavam a ser incríveis, e de acabar a coisa no seu auge. Porque havia essa vontade, o facto de fazeres uma coisa muito fixe e estar a soar muito bem dá-te, por um lado, uma vontade de continuar a aproveitar isso, mas ao mesmo tempo também te inspira e, quando o nosso trabalho é sermos criativos, também te inspira a partir para outras coisas porque ganhas confiança para fazer mais coisas. Não, vais poder é não fazer nada, e comer bem e comprar brinquedos e coisas. Mas também me tirou aqui um bocado e baralhou-me, ou seja, interrompeu-me um bocado a rotina que eu tinha, de projetos e não sei quê. Ou seja,

tens uma oportunidade de fazer um balanço e olhar para trás, e a Estação de Serviço foi um bocado um exemplo disso, olhar para o repertório que tinha, para as coisas que tinha e como queria fazer daí para a frente. Se interromperes também tens a oportunidade de perceber qual é o teu padrão, o que gostas, o que não gostas. É uma oportunidade também quando te estás a redefinir como pessoa e num novo contexto de vida, de definires essas partes, até porque há uma necessidade mesmo na questão da sobrevivência, de dizeres «eu tenho de ter uma fonte de rendimentos mais certa», porque neste momento já não sou só eu, também já não tenho a energia e, digamos, a loucura constante e a liberdade constante de fazer aquilo que me dá na telha, porque as implicações já não são para mim, por isso como é que eu vou redefinir isto de forma a que... e o Vida Nova surge um bocadinho nesse seguimento de tentar assumir, de olhar para trás e de tentar perceber um padrão.

CÃO (1997) ORNATOS VIOLETA



O MONSTRO PRECISA DE AMIGOS (1999) ORNATOS VIOLETA



BOM DIA (2004) PLUTO



NADA É POSSÍVEL (2017) SUPERNADA



FIZESTE UM HIATO CRIATIVO GERAL OU FOI SÓ NA MÚSICA? DE QUE FORMA TE SERVIU ESTA PARAGEM?

A Estação de Serviço surgiu numa altura em que eu precisava de ganhar dinheiro. Precisava de ter essa segurança. Estava a precisar, no momento, de ganhar dinheiro, e eu nunca gostei daquela ideia de... sempre fiz desenhos e usei essa capacidade para ganhar dinheiro, porque sentia-me capaz de responder a um enunciado, de trabalhar para um cliente, porque tecnicamente sempre foi o ofício em que me senti mais versátil. No sentido de, se eu tiver de fazer uma coisa, como fiz um livro para a plantação de mirtilo, faço um livro para a plantação de mirtilo, se precisar de fazer uma ilustração para um jornal, faço, se tiver de fazer um cartaz para não-sei-quê faço e é trabalho para cliente, que está balizado, vou ganhar o meu dinheiro, fazer o melhor que sei e estou perfeitamente tranquilo em relação a isso. A música, pelo contrário, sempre foi o meu local de criação e de diversão. Mas, curiosamente, foi sempre o que me ia dando mais retorno financeiro, portanto havia sempre aí uma questão por assumir. E na Estação de Serviço, quando me surgiu essa necessidade, surgiu-me essa coisa de não vou dar um concerto só porque preciso de ganhar dinheiro, tenho de ter alguma coisa que me dê pica se não isto é um sacrifício, o maior

sacrifício do que fazer um trabalho ou fazer uma tradução para um livro, porque de um coisa que eu gosto, vou estar a ir para o palco sem prazer. E lembrei-me de olhar para o repertório todo atrás, fazer versões com uma roupagem toda diferente, com banjo e não sei quê. E com algumas das pessoas com quem eu gosto de trabalhar. E foi mesmo, mesmo fixe, porque foi uma coisa meio despudorada, sem uma ambição de projeto e foi mais uma experiência mais ao nível pessoal e também me deu oportunidade de me trabalhar como músico ao vivo num sentido de trabalhar mais as coisas que para mim eram um problema ou uma dificuldade, que era eu não adorar tocar ao vivo, ou gostar de tocar pouco. Tentar perceber porque é que isso acontecia, tentar perceber que isso tinha um bocado também que ver com o medo do erro, o brio mas levado a um extremo, que era se calhar um sentimento de muita responsabilidade que se calhar não fazia sentido e tentar também, como dizer, simplificar essas coisas e trabalhar essas coisas a um nível pessoal. E era também um espaço que me estava a permitir olhar para trás e fazer um balanço, por isso se chama Estação de Serviço. Depois houve a Extensão de Serviço que, já havendo músicas novas, estava a transitar para qualquer coisa. E isso ajudou-me muito nesse sentido, começar a olhar para a música ao vivo como outra coisa.

O AMOR DÁ-ME TÊSÃO (2008) FOGE FOGE BANDIDO



IDENTIFICAS-TE COM AQUELA VELHA IDEIA DE QUE NÃO HAVERIA ARTE SEM TRAGÉDIA? QUANDO NÃO TENS DOR PARA EXORCIZAR ISSO IMPLICA UM BLOQUEIO CRIATIVO? VAIS REBUSCAR MEMÓRIAS? EM VIDA NOVA AINDA TEMOS PRESENTE O EXISTENCIALISMO QUE TE É CARACTERÍSTICO?

Nunca vamos saber se haveria arte sem tragédia porque nunca houve e vai haver sempre. A Natureza humana é isso tudo. Mas não acredito na ideia que precisas de sofrer para criar ou para fazer alguma coisa. Isso são reduções das coisas. É verdade, mas também não é, é tudo uma mistura. Mas acho que essa ideia de que é preciso sofrimento é uma ideia perigosa, porque está por trás de toda a legitimação do sistema no sentido de explorar os artistas, porque mesmo que estejam mal, estão bem, pois é assim que precisam de estar para criar, e então se não lhes pagares há mais uma razão para que eles estejam mal, mas é assim, porque o blues surgiu na altura da escravatura... Isso é tudo verdade, é verdade que o sofrimento cria revolta, mas eu não vou pagar pior à minha empregada porque ela com a revolta vai limpar melhor. Por ser verdade, num aspeto de que o sofrimento apela a uma reação, e essa reação,

na impotência de ser uma reação efetiva em relação ao problema, vai ser necessariamente uma reação criativa, porque é a forma de se criar um mundo alternativo ao problema. Mas eu acho que é a emoção que faz criar coisas. E a emoção pode ser muito boa ou trágica. Acima de tudo acho que a emoção é uma forma de comunicarmos fora dos códigos habituais e de nos propormos a criar uma ligação com as pessoas mais emotiva. Acho que é quase uma questão de sobrevivência, em que as pessoas precisam de comunicar de outras formas que não dominam tão bem e que podem criar mal-entendidos, mas que tem mais que ver com a intuição e com outros processos.

“MAS NÃO ACREDITO NA IDEIA QUE PRECISAS DE SOFRER PARA CRIAR”

VIDA NOVA